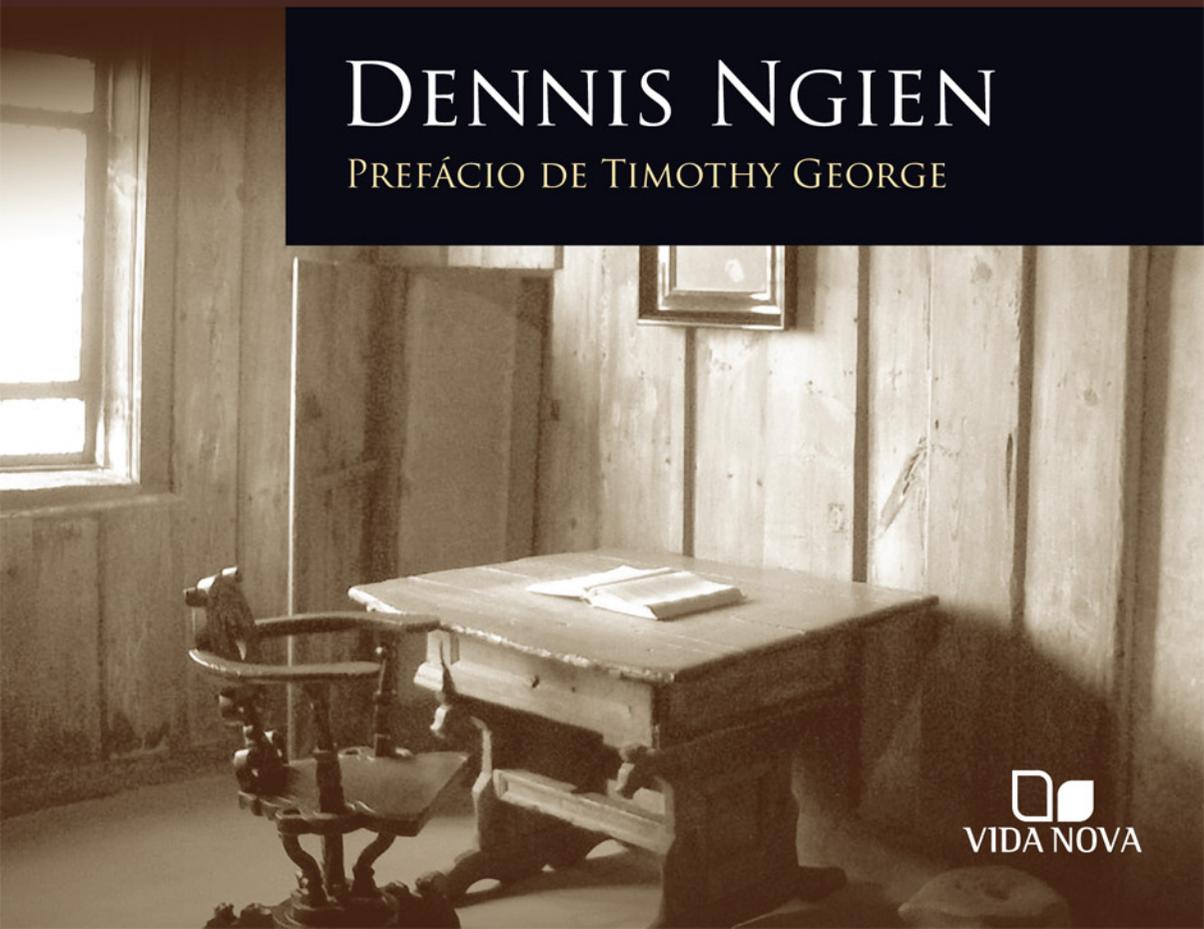


# LUTERO COMO CONSELHEIRO ESPIRITUAL

*A interface entre a teologia e a piedade nos escritos devocionais de Lutero*

DENNIS NGIEN

PREFÁCIO DE TIMOTHY GEORGE



A teologia da Reforma, como a maior parte da teologia feita antes do surgimento das universidades, se não toda ela, era feita na igreja, pela igreja e para a igreja. Como tal, jamais poderia ser separada do contexto pastoral em que labutava a maior parte de seus proponentes. O grande Matinho Lutero é um fabuloso exemplo disso, e devemos ser gratos ao dr. Ngien por uma monografia empolgante e estimulante que trata exatamente desse tema. Minha esperança é que esse livro oportuno ajude a recuperar a importância teológica e pastoral de Lutero para uma nova geração.

**Carl R. Trueman**, professor de Teologia Histórica e História da Igreja no Westminster Theological Seminar, Filadélfia

Dennis Ngien é o autor de uma excelente obra sobre a compreensão de Lutero acerca dos sofrimentos de Deus. Agora nessa obra, ele amplia seu estudo da *teologia crucis* de Lutero para analisar os escritos pastorais e devocionais do reformador [...] Mostra-nos Lutero bem de perto e de forma bem pessoal, um Lutero ao lado de enfermos, um Lutero ajoelhado para orar, um Lutero divertindo-se em um casamento, um Lutero consolando enlutados, um Lutero cantando vibrantemente em adoração, um Lutero jubilante na mesa da comunhão.

**Timothy George**, autor de *Teologia dos reformadores* (Vida Nova)



# SUMÁRIO

Prefácio .....	11
Agradecimentos .....	13
Introdução .....	15

---

<b>1. A COLHEITA DOS FRUTOS CERTOS: MEDITAÇÃO SOBRE “CRISTO, O ESPELHO SINCERO” .....</b>	<b>25</b>
Formas erradas de meditar .....	27
Formas corretas de meditar .....	28
<i>O espelho sincero: a revelação de nossa natureza pecaminosa .....</i>	<i>29</i>
<i>O espelho sincero: a distinção entre lei e evangelho .....</i>	<i>33</i>
<i>Permuta afortunada: Cristo foi feito pecador, não apenas pecado .....</i>	<i>36</i>
<i>O simul: a cruz e a ressurreição .....</i>	<i>39</i>
<i>O coração eterno de Deus e a Trindade .....</i>	<i>41</i>
<i>Ordem correta: Cristo como sacramento e exemplo .....</i>	<i>45</i>
Reflexões finais .....	48
<i>A cristologia por nós (pro nobis) de Bernardo .....</i>	<i>48</i>
<i>A humilhação de Cristo e a vida íntima de Deus .....</i>	<i>52</i>
<i>A missão e a vocação da igreja .....</i>	<i>54</i>
<i>Implicações pastorais .....</i>	<i>55</i>
<i>A questão da segurança e a teologia da tomada de decisão .....</i>	<i>57</i>

---

<b>2. A ARTE DE MORRER: A IMAGEM RESPLANDECENTE DE CRISTO E SEUS CONTRAPONTO.....</b>	<b>59</b>
Uma abordagem da preparação para a morte baseada no senso comum .....	60
A morte como o dia de celebração do novo nascimento .....	61
O triunvirato do mal: morte, pecado e inferno .....	62
Cristo, a imagem reluzente .....	64
A eficácia da fé e das promessas sacramentais .....	67
A comunhão dos santos como cura da alma .....	70

Reflexões finais .....	72
<i>O Deus abscondito e a pergunta proibida</i> .....	72
<i>A cruz como uma crise, não “eterna”, mas “vencida”</i> .....	75
<i>O sofrimento de Cristo e a vida imanente</i> .....	77
<i>Os santos anjos — instrumentos do poder divino</i> .....	79
<i>A voz da lei e do evangelho</i> .....	80

### 3. JOIAS PARA OS ENFERMOS: A MEDITAÇÃO

<b>ADEQUADA SOBRE MALES E BÊNÇÃOS</b> .....	<b>83</b>
Prolegômenos teológicos: a Palavra e o Espírito Santo .....	84
As sete imagens do mal .....	85
<i>O mal em nós</i> .....	85
<i>O mal diante de nós</i> .....	87
<i>O mal atrás de nós</i> .....	89
<i>O mal abaixo de nós</i> .....	90
<i>O mal à nossa esquerda</i> .....	90
<i>O mal à nossa direita</i> .....	92
<i>O mal acima de nós</i> .....	93
As sete imagens de bênçãos .....	96
<i>A bênção em nós</i> .....	96
<i>A bênção diante de nós</i> .....	97
<i>A bênção atrás de nós</i> .....	98
<i>A bênção abaixo de nós</i> .....	99
<i>A bênção à nossa esquerda</i> .....	101
<i>A bênção à nossa direita</i> .....	102
<i>A bênção acima de nós</i> .....	103
Reflexões finais .....	105
<i>Sufrimento e santificação</i> .....	105
<i>A doutrina da igualdade</i> .....	109
<i>A extensão da revelação no cuidado pastoral e na cura</i> .....	111
<i>A definição da verdadeira morte: o sentimento de seu terror e medo</i> .....	114
<i>A morte como sono: o entendimento teológico</i> <i>versus o entendimento topográfico</i> .....	116
<i>A ressurreição e a justificação como consolo</i> .....	117
<i>Deus: abscondito e revelado</i> .....	121

---

<b>4. A PIEDADE SACRAMENTAL:</b>	
<b>“CUMpra-SE EM MIM A TUA PALAVRA”</b> .....	<b>125</b>
O sacramento como uma oportunidade para o autoexame .....	126
A fome de Deus precede o preceito da igreja .....	127
A criação da fome espiritual por meio da lei .....	128
A constituição do sacramento .....	130
A forma trinitária da eucaristia .....	132
A eficácia da palavra de Deus .....	134
O conceito de testamento: promessa e fé .....	137
Reflexões finais .....	143
<i>Premissa teológica e visão bíblica</i> .....	144
<i>O otimismo da graça de Lutero: “Receber a palavra de Deus</i> <i>de várias formas é muito melhor”</i> .....	145
<i>A ordem da salvação (ordo salutis): o perdão divino</i> <i>e nosso arrependimento</i> .....	148

---

<b>5. A TEOLOGIA E A PRÁTICA DA ORAÇÃO:</b>	
<b>INICIATIVA DIVINA E APROPRIAÇÃO HUMANA</b> .....	<b>155</b>
O mandamento divino e sua ação paradoxal .....	157
A promessa divina, o Deus revestido e a Trindade .....	162
A Trindade e o Credo .....	165
Palavras para ser usadas na oração e um plano de oração de quatro fios ....	173
<i>Primeiro fio: instrução</i> .....	176
<i>Segundo fio: ação de graças</i> .....	176
<i>Terceiro fio: confissão</i> .....	176
<i>Quarto fio: petição</i> .....	177
<i>Primeiro fio: instrução</i> .....	177
<i>Segundo fio: ação de graças</i> .....	177
<i>Terceiro fio: confissão</i> .....	178
<i>Quarto fio: petição</i> .....	178
Fé: o “amém” como condição de eficácia .....	180
Conclusão .....	185

---

<b>6. UM MÉTODO DE CONSOLO:</b>	
<b>A TENTACÃO E A THEOLOGIA CRUCIS</b> .....	<b>187</b>
O método de consolo: seis princípios paradigmáticos .....	188

<i>“Uma carta de consolo a todos os que sofrem perseguição     por causa da palavra de Deus” (1522)</i> .....	191
<i>“A todos os cristãos de Worms” (1523)</i> .....	197
<i>“Uma carta cristã de consolo a todo o povo de Miltenberg” (1524)</i> .....	199
<i>“Se alguém pode fugir de uma praga mortal” (1527)</i> .....	203
<i>“Uma carta de consolo aos cristãos de Halle” (1527)</i> .....	207
<i>“Que o cristão carregue sua cruz com paciência” (1530)</i> .....	210
<i>“Consolo para as mulheres que sofreram aborto espontâneo” (1542)</i> .....	213
Reflexões finais .....	216
<i>O lado mais radiante da “graça dolorosa” de Deus:     a intenção misericordiosa do Deus abscondito</i> .....	216
<i>Pregação: um instrumento do poder divino e a     abscondidade de Deus na linguagem humana</i> .....	218
<i>Teodiceia especulativa ou teologia da cruz?</i> .....	223
Bibliografia .....	227
Índice remissivo .....	245

# PREFÁCIO

**M**artinho Lutero é bem conhecido por ter afixado suas *Noventa e cinco teses* à porta da igreja do castelo de Wittenberg, em 31 de outubro de 1517, e também pela realização do importante debate com João Eck em Leipzig, no ano de 1519. Entre esses dois acontecimentos famosos, no entanto, Lutero empreendeu uma longa viagem através da Alemanha central até a Renânia para uma controvérsia na cidade universitária de Heidelberg, em 1518. Ali ele articulou com clareza, pela primeira vez, sua “teologia da cruz”. Ao rejeitar a “teologia da glória” triunfalista, que exaltava a razão humana e procurava domesticar o Deus da Bíblia com maquinações da dialética escolástica, Lutero afirmou que a cruz foi o lugar da revelação mais clara do coração de Deus. *Crux probat omnia!* — tudo é posto à prova pela cruz, disse Lutero.

A *theologia crucis* não era apenas uma afirmação da centralidade e objetividade da obra expiatória de Cristo no Calvário, ainda que Lutero certamente cresse nisso, mas era também uma declaração sobre o contexto para fazer teologia. Lutero diria mais tarde: “Não aprendi minha teologia de uma só vez, mas fui obrigado a seguir até onde minhas tentações (*Anfechtungen*) me conduziram. Ninguém se torna teólogo mediante a leitura, a escrita ou a especulação. É viver, é morrer, mais que isso, é ser condenado que torna alguém um teólogo”. O Deus que nos é dado a conhecer em Jesus Cristo, o único e verdadeiro Deus, é o Deus que nos salva e nos condena, o Deus que nos conhece, nos confronta e “não nos abandonará”. Ele é o Deus maravilhoso que trouxe as galáxias à existência e, ao mesmo tempo, é o bebê de Belém que chorava e vomitava no colo de Maria. Chame isso de paradoxo, mistério, antinomia ou do que quiser, mas para Lutero a única forma de falar sobre tal Deus é em meio à luta, no fundo do abismo, saindo das profundezas — *de profundis*.

Lutero foi treinado para ser um teólogo escolástico e jamais renunciou ao seu grau de doutor (diferentemente de seus votos monásticos), mas, como este livro mostra muito bem, Lutero foi, do início ao fim, um teólogo pastoral. Ele pregava com regularidade na igreja paroquial de Wittenberg e estava profundamente envolvido com o cuidado das almas. Aliás, a preocupação com o rebanho foi o principal motivo que o levou a denunciar o golpe das indulgências de

Tetzel. Assim, ele se viu envolvido no drama da Reforma e arrastado para as contendas que envolviam a política papal, as manobras do poder imperial e as rivalidades principescas.

No entanto, Lutero jamais perdeu o contato com o povo simples nem abandonou a vocação pastoral. Ele publicou catecismos para crianças; deu conselhos espirituais para barbeiros; escreveu uma carta a um pai que perdera um filho com pouca idade; enviou conselhos a uma mulher que sofrera um aborto natural. A marca da genialidade de Lutero encontra-se no fato de ele poder dialogar com os teólogos mais eruditos da Europa pela manhã, pregar para os moradores de Wittenberg ao meio-dia, rir e beber com seus alunos no jantar e ainda dispor de tempo para orar com os filhos e amar a mulher à noite. Em tudo isso, ele se lembrava do conselho que seu mentor, João Staupitz, lhe deu certa vez, quando se encontrava atribulado com o destino de sua própria alma: “Olhe para as chagas de Cristo e para o sangue vertido por você”. O último sermão pregado por Lutero em Wittenberg, em 1546, apenas três dias antes de morrer, baseou-se nas palavras de Jesus: “Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei” (Mt 11.28).

Dennis Ngien é o autor de um excelente livro sobre o entendimento de Lutero a respeito do sofrimento de Deus. Na presente obra, ele estende o estudo da *theologia crucis* de Lutero a seus escritos pastorais e devocionais. Karl Barth certa vez disse que não pode haver dogmática sem polêmica, e sem dúvida Lutero teria concordado! Lutero viveu em uma era argumentativa e sabia tanto emitir quanto receber invectivas em grande escala — Lutero contra Erasmo, Zuínglio, os anabatistas, os católicos romanos, os judeus etc. Há, no entanto, outro Lutero ou talvez outra faceta de Lutero muitas vezes obscurecida pelo fogo cruzado da polêmica. Dennis Ngien nos mostra Lutero de forma próxima e pessoal: Lutero junto ao leito dos doentes, Lutero ajoelhando-se para orar, Lutero divertindo-se em um casamento, Lutero consolando os desolados, Lutero cantando com vigor no culto, Lutero jubiloso, à mesa da comunhão.

Embora continuasse a lecionar na Universidade de Wittenberg até o fim da vida, Lutero sempre soube que seu chamado consistia em ser um teólogo a serviço da igreja. Lutero é um mestre da igreja cuja obra pode hoje ser melhor honrada ouvindo e acatando o que ele tem a dizer.

TIMOTHY GEORGE,  
deão da Beeson Divinity School, Universidade Samford,  
e editor executivo da revista *Christianity Today*

# INTRODUÇÃO

A maior parte dos especialistas em Lutero concentrou-se no lado polêmico do reformador, com algumas alusões a seus *Devotional writings* [Escritos devocionais] nos volumes 42 e 43 da edição americana de suas obras.<sup>1</sup> Até agora, esses escritos não foram estudados como uma monografia em separado. A obra *Luther as spiritual adviser* [Lutero como conselheiro espiritual], escrita por August Nebe e publicada em 1894, foi apenas uma apresentação limitada do aconselhamento pastoral de Lutero, relacionada de modo muito remoto a esses volumes.<sup>2</sup> O objetivo de *Lutero como conselheiro espiritual: a interface entre a teologia e a piedade nos escritos devocionais de Lutero* é revelar o lado pastoral do reformador, não o polêmico, com base na orientação espiritual fornecida por ele a pessoas de todas as classes sociais. Esses escritos têm formato e propósito devocional e catequético, ainda que não estejam desprovidos de rica substância teológica, fruto de suas reflexões rigorosas. Eles consistem no exercício da vocação fundamental de Lutero como pastor-teólogo e são ilustrações concretas da interface entre teologia e piedade, sendo a primeira o pressuposto fundamental e causa lógica da última. Por meio desses escritos, os leitores não só são informados a respeito da teologia da justificação formulada pela Reforma, mas também são apresentados a uma expressão distinta da fé cristã em que Cristo e sua cruz ocupam o palco central. Digno de nota é o tema que perpassa esses escritos — o modo de Deus lidar com seu povo —, o qual o reformador procurou relacionar aos acontecimentos de sua época.

Todo o chamado de Lutero como professor e reformador envolvia o exercício de sua vocação pastoral em três áreas distintas: 1) na sala de aula, 2) no

<sup>1</sup>A fonte principal deste estudo é a tradução inglesa das obras de Lutero, volumes 42 e 43. Referências retiradas da língua original serão feitas onde eu julgar útil. Abreviações usadas neste livro: *LW* = *Luther's Works*, edição de J. Pelikan; H. T. Lehman (St. Louis/Philadelphia: Concordia/Fortress, 1955-1967), 55 vols. *WA* = *D. Martin Luthers Werke: Kristische Gesamtausgabe* (Weimar: Hermann Bohlau Nachfolger, 1883-), 100 vols. *WABr* = *D. Martin Luthers Werke: Kristische Gesamtausgabe, Briefwechsel*. *WATr* = *D. Martin Luthers Werke: Kristische Gesamtausgabe, Tischreden*.

<sup>2</sup>Veja A. Nebe, *Luther as spiritual adviser*, tradução para o inglês de C. A. Hay; C. E. Hay (Philadelphia: Lutheran Publication Society, 1894).

ministério do púlpito e 3) no aconselhamento pessoal e na assistência ao rebanho.<sup>3</sup> Seus escritos devocionais não o apresentam como um teólogo separado do mundo, mas como um teólogo participante, com a Bíblia em uma das mãos e os problemas pastorais na outra. A polêmica predomina na maior parte de seus escritos teológicos, porém não em seus escritos devocionais, nos quais observamos seu estilo irênico e pastoral, que muitas vezes escapa aos leitores.

A despeito da pesada carga de trabalho, ele se mantinha em contato estreito com a vida nos níveis mais cotidianos e também nos mais etéreos. Pessoas de todos os tipos muitas vezes o consultavam para receber conselhos e até mesmo arbitragem. Assim, ele foi conselheiro espiritual em várias áreas importantes da vida cristã: como meditar corretamente sobre a Paixão de Cristo; como preparar-se para enfrentar o terror da morte; conselhos para os enfermos; como se aproximar do sacramento do altar da maneira certa; por que e como orar corretamente; os benefícios obtidos a partir da Oração do Senhor; e como viver a vida de discipulado sob a cruz. Apesar de estar acadêmica e religiosamente muito acima de seus ouvintes, Lutero demonstrava uma capacidade singular de conter-se quando respondia a esses assuntos. Em um estilo epistolar, rápido e repetitivo, ele se valia das formas, da terminologia e da linguagem figurada de sua época para comunicar o evangelho sem corrompê-lo.

A habilidade de Lutero de permanecer focado nas preocupações dos crentes e não permitir a obstrução de sua vocação pastoral por quaisquer pressões externas ou circunstâncias pessoais é louvável. Esses escritos, especialmente o volume 42 da edição americana, foram compostos no período crucial, compreendido entre os anos de 1519 e 1521, o período entre a afixação das *Noventa e cinco teses* e a estada de Lutero em Wartburg. Contudo, ele não mencionou os acontecimentos históricos específicos e as controvérsias que estava enfrentando nem aludiu a elas. Naqueles anos de crises e convulsões sociais, quando sua própria vida corria risco, ele permaneceu fiel ao chamado de pregador-pastor, dedicando sua vida e seus esforços à mensagem que lhe fora confiada. Martin Dietrich comenta: “Talvez seja precisamente essa ausência de referências pessoais e contextuais que acrescenta força e vitalidade ao que ele tem a dizer”.<sup>4</sup> No ano de 1520 apenas, ele produziu alguns de seus tratados mais incendiários, entre os quais o *Treatise on good works* [Tratado sobre as boas obras],<sup>5</sup> em que desmantelou a doutrina medieval da justiça pelas obras, *The Christian nobility of the German nation* [A nobreza cristã da

<sup>3</sup>LW 42, p. x.

<sup>4</sup>LW 42, p. xiv. Martin Dietrich é o editor desse volume.

<sup>5</sup>LW 44, p. 15-114.

nação alemã],<sup>6</sup> em que condenou erros e abusos da igreja e da sociedade, além de formular propostas para a reforma, e *Babylonian captivity of the church* [O cativo babilônico da igreja],<sup>7</sup> em que atacou o sistema sacramental da igreja romana. Seus escritos devocionais, ao contrário, não demonstram nenhum traço de polêmica, pois essas obras não foram forjadas no ferro incandescente da controvérsia, sendo antes provenientes de sua devoção ao evangelho e a seu povo. Elas não apresentavam as técnicas exteriores com que Lutero aplicou sua teologia; ao contrário, mostravam a fé de onde sua teologia emergia. Além disso, o conteúdo do volume 43, que vai de 1522 a 1545, ano anterior à morte de Lutero, representa a expressão madura e distinta da teologia da Reforma, o oposto das devoções exteriores que caracterizavam a piedade do fim da era medieval.<sup>8</sup>

Essas obras literárias também refletem a seriedade com que Lutero assumiu seu voto e ofício doutoral como mestre e pregador. No tratado *Infiltrating and clandestine preaching* [Pregadores intrusos e clandestinos], ele escreve:

Disse muitas vezes e repito: não trocaria meu grau de doutor por todo o ouro do mundo. Pois eu, certamente, com o passar do tempo, perderia a coragem e cairia em desespero se, à semelhança desses intrusos, tivesse assumido essas responsabilidades enormes e sérias sem chamado ou comissão. No entanto, Deus e o mundo todo dão testemunho de que passei a realizar esse trabalho publicamente em virtude do meu ofício como mestre e pregador, e o tenho realizado até agora pela graça e com a ajuda de Deus.<sup>9</sup>

Além de ajudá-lo a não se deixar escravizar pela busca do sucesso acadêmico sem conexão com a vida prática, esse voto e ofício impôs sobre ele os requisitos essenciais para o exercício de sua vocação pastoral. A função principal da teologia e, portanto, de um teólogo do calibre de Lutero, não consistia em especular sobre o ser de Deus em si, mas em conduzir as pessoas à fé em Deus mediante Jesus Cristo. Como ele escreveu: “A teologia verdadeira é prática, e seu alicerce é Cristo, de cuja morte nos apropriamos por meio da fé [...]. Logo, o lugar da teologia especulativa é com o Diabo, no inferno”.<sup>10</sup> Ao contrário do que acontece

<sup>6</sup>LW 44, p. 115-217.

<sup>7</sup>LW 36, p. 3-126.

<sup>8</sup>Veja S. H. Hendrix, “Martin Luther’s reformation of spirituality”, in: T. J. Wengert, org., *Harvesting Martin Luther’s reflections on theology, ethics, and the church* (Grand Rapids: Eerdmans, 2004), p. 240-60 (244).

<sup>9</sup>LW 40, p. 387-8.

<sup>10</sup>LW 54, p. 22.

hoje em dia, quando a teologia e o cuidado pastoral são desvinculados, para Lutero eles eram indissociáveis. Essa unidade é evidente em seus escritos devocionais, nos quais ele informa seus leitores da importância do ministro como teólogo, não como um teólogo acadêmico separado dos temas reais da vida, mas como um teólogo pastoral envolvido com as lutas das pessoas. O verdadeiro ministro do evangelho era de fato o verdadeiro teólogo em ação, não um teólogo especulativo circunscrito pelas paredes, procedimentos, costumes e linguagem técnica da universidade, mas um teólogo prático, cuja tarefa fundamental consistia em guiar as pessoas e fortalecê-las na fé. A esse pastor-teólogo foi atribuído o importante papel que ele desempenhou como uma espécie de ventre gerador do Senhor Jesus, cuja função é revelar Jesus aos crentes e conduzir o povo, por meio da Palavra de Deus, à fé e ao amor ao próximo e, em última instância, ao consolo em Cristo.<sup>11</sup>

Para Lutero, nada era tão importante quanto o nosso relacionamento com Deus. Ao mesmo tempo, hoje não há dever maior ou vocação mais sublime que o chamado para pregar e ensinar a palavra da graça, apontando os caminhos maravilhosos de Deus às pessoas, de acordo com a revelação do evangelho. Por isso, a teologia não deve ser uma disciplina discursiva da universidade, mas uma questão de vida e morte. O currículo teológico deve ser ensinado de modo diferente, isto é, para levar a sério a formação espiritual do teólogo, pois sua vocação fundamental é pregar e ensinar o evangelho de Jesus. Isso concorda com a ênfase de Lutero na teologia que tem Jesus Cristo como seu fundamento.

Em seus conselhos aos jovens teólogos, ele falou a respeito de três pontos essenciais que devem constituir um tipo de paradigma teológico para a formação de um pastor-teólogo: *oratio* (oração), *meditatio* (meditação) e *tentatio* (luta). Seguindo Agostinho e baseando-se em seu ensino sobre o salmo 119, Lutero propôs uma forma correta de estudar teologia, no prefácio da edição de 1539 de suas obras em alemão:

Nesse assunto, sigo o exemplo de santo Agostinho, que foi, entre outras coisas, o primeiro e praticamente o único a tomar a decisão de sujeitar-se somente às Escrituras Sagradas, independentemente dos livros de todos os pais e santos...

Além disso, desejo mostrar-lhes a forma correta de estudar teologia, pois tenho alguma prática nisso. Se vocês se ativerem a ela, serão tão bons quanto os pais e os teólogos dos concílios, assim como eu (em Deus) ouse me gabar, sem arrogância ou mentira, de que, no tocante à composição de livros, não fico muito

<sup>11</sup>LW28, p. 219.

atrás de alguns dos pais. A respeito de minha vida não posso, de forma alguma, fazer as mesmas afirmações. Esse é o método ensinado pelo santo rei Davi (e, sem dúvida, usado também por todos os patriarcas e profetas) no salmo 119. Lá encontram-se três regras, apresentadas de forma ampla ao longo de todo o salmo. São elas: *oratio, meditatio e tentatio*.<sup>12</sup>

Por trás dessas regras, encontra-se a unidade da Palavra e do Espírito Santo — os prolegômenos teológicos do reformador, isto é, seu ponto de partida para fazer teologia e vivê-la.

Assim se vê, nesse mesmo salmo, como Davi constantemente afirma que vai conversar, meditar, falar, cantar, ouvir, ler, dia e noite, sempre, sobre nada além da Palavra e dos mandamentos de Deus. Pois Deus não lhes dará seu Espírito sem a Palavra externa; portanto, aceitem essa sugestão. Sua ordem para escrever, pregar, ler, ouvir, cantar, falar etc. de modo perceptível não foi dada em vão.<sup>13</sup>

Daí se conclui que a oração é ineficaz quando desvinculada da Palavra de Deus e de sua promessa. Isso segue o padrão de Davi, que, apesar de ter consciência do texto de Moisés e de outros livros, orou com humildade: “Ensina-me, Senhor, instrui-me, guia-me, mostra-me”. Ele fez isso a fim de se valer do “verdadeiro Mestre das Escrituras”. O verdadeiro teólogo não deve permitir que a razão humana se sobreponha ao verdadeiro mestre e se torne seu próprio mestre. Essa era a prática dos espíritos facciosos que iludiam a si mesmos, ao pensarem que as Escrituras estavam sujeitas a eles e poderiam ser compreendidas com facilidade pela razão humana, como se fossem produtos humanos, como *Markolf* ou as *Fábulas de Esopo*, obras para as quais não são necessários nem o Espírito Santo nem as orações. A meditação (o estudo) é uma forma de oração obediente: “No entanto, ajoelhe-se em seu quatinho (Mt 6.6) e ore a Deus com humildade e sinceridade verdadeiras, para que ele, por meio de seu Filho querido, lhe conceda o Espírito Santo, que o iluminará, o guiará e lhe dará entendimento”.<sup>14</sup>

Lutero encorajou os jovens a recitar repetidas vezes as palavras da Bíblia com diligência e reflexão, até que o Espírito Santo lhes abrisse os olhos para o significado verdadeiro por trás das palavras. Assim, a meditação não é a conjuração de opiniões humanas sobre a Escritura, mas, sim, a reflexão profunda sobre a Palavra

<sup>12</sup>LW 34, p. 285.

<sup>13</sup>LW 34, p. 286.

<sup>14</sup>LW 34, p. 286.

de Deus e sua obra em nosso favor (*pro nobis*). A *tentatio* (*Anfechtung*) — palavra que pode ser traduzida como “tentação”, “provações”, “tribulação”, “aflições”, “ataques”, “a cruz” ou “luta interna” —<sup>15</sup> é a razão para orar e meditar. “Ela (a *tentatio*) é o critério que não só lhe ensina a conhecer e entender, mas também a vivenciar quão reta, verdadeira, doce, amável, poderosa, reconfortante é a Palavra de Deus, a sabedoria além de toda a sabedoria.”<sup>16</sup> Por meio do sofrimento e dos golpes da vida, como aconteceu na vida de Jesus, o crente é levado a buscar a Palavra de Deus e também a amar a mensagem do evangelho. Em consequência, essa pedra de toque crucifica todas as tentativas de especular sobre Deus da parte do racionalista autoconfiante, e elimina qualquer sucesso na comunhão com Deus por parte do moralista autoconfiante. Por meio da *tentatio*, Lutero confessou ter se tornado um “doutor de verdade” e um “teólogo muito bom”.<sup>17</sup>

Essas regras providas pelo Espírito Santo para a leitura correta da teologia e da Escritura, que Lutero procurava inculcar nos jovens, fizeram parte de toda a vida de Lutero. Essa tríade — oração, meditação e luta —, quando usada de modo correto, torna um teólogo capaz de pregar e ensinar uma teologia prática da justificação. Foi precisamente isso que Lutero fez ao implementar a regra triádica na produção de seus escritos devocionais, por meio dos quais ensinava a meditar e a orar da forma correta, a carregar a cruz com paciência, a alcançar benefícios espirituais etc. — levando seus leitores, finalmente, a uma compreensão mais profunda do caminho divino da salvação no evangelho. Seus conselhos espirituais, entrelaçados com citações das Escrituras, apresentam um nex

<sup>15</sup>Veja R. Kelly, “*Oratio, meditatio, tentatio faciunt theologium: Luther’s piety and the formation of theologians*”, *Consensus* 19 (1993): 9-27; Y. J. Won, “The work of the Holy Spirit and the charismatic movements from Luther’s perspective”, *Concordia Journal* 11 (1985): 204-13 (208-209). O vocábulo alemão *Anfechtung* corresponde ao latim *tentatio*. David Scaer, no artigo “The concept of *Anfechtung* in Luther’s thought”, *Concordia Theological Quarterly* 47 (1983): 15-30 (15), ressalta que essa palavra tem várias traduções: F. Pieper, em *Christian dogmatics* (St Louis: Concordia, 1950-1962), 4 vols., usa “tentação”; H. J. A. Bouman, na tradução da obra *Luther’s theology of the cross*, de W. von Loewenich (Minneapolis: Augsburg, 1976), prefere “provações”; Ewald M. Plass (comp.), em *What Luther says: a practical in-home anthology for the active Christian*, 10. ed. (St. Louis: Concordia, 1994), usa “aflições”; a tradução americana das obras de Lutero usa as três formas apresentadas acima e acrescenta “tribulação”. Entretanto, a tradução americana também usa “ataques”. Timothy J. Wengert, na introdução de *Harvesting Martin Luther’s reflections*, p. 16, dá preferência a “luta”. Kelly prefere “a cruz”; Yong Ji usa “lutas e aflições espirituais e interiores”. Veja Kelly, “*Oratio, meditatio, tentatio faciunt theologium*”, p. 16; Won, “Work of the Holy Spirit”, p. 209. As traduções mencionadas são termos correlatos, e a palavra *Anfechtung* ou *tentatio* pode ser traduzida de várias formas. Trata-se de um conceito multifacetado, que se origina de fontes variadas — o Diabo, a carne, o mundo e até mesmo Deus e sua obra alheia.

<sup>16</sup>*LW* 34, p. 286-7.

<sup>17</sup>*LW* 34, p. 287.

causal firme entre o que ele afirmava ser o fundamento inabalável (a palavra da graça) e o modo como esse fundamento afetava a vida religiosa e a forma da igreja. Inegavelmente, a teologia fundamentada na Palavra de Deus é da máxima importância para o pastor-teólogo, caso ele leve a sério seu chamado de cuidar das almas. Pastores e demais cristãos de todas as denominações e convicções podem colher frutos consideráveis dos *insights* teológicos do reformador sobre questões práticas.

O capítulo 1 do meu livro examina a *Meditation on Christ's Passion* [Meditação sobre a Paixão de Cristo] (1519), texto em que Lutero ensinou que a meditação correta não deve suscitar em nós uma piedade emotiva em relação ao crucificado, mas sim nos fazer reconhecer nossa natureza pecaminosa e nos deixar arrasados. Para o reformador, não há conhecimento natural do pecado. O conhecimento do pecado surge quando os crentes se comparam com Cristo, a quem Lutero chamava de “o espelho sincero”.<sup>18</sup> Esse espelho faz o pecado aflorar em nossa consciência para que possa desaparecer dela. Isso é possível mediante a expiação de Cristo, em que ele, depois de expor nossos pecados, surge para nós como aquele que os carrega, aquele que sofre por causa de nossos pecados e os vence por meio de sua cruz e ressurreição, se somente crermos. Em seguida, o espelho nos leva do coração de Cristo para o coração propício de Deus, o único e o mesmo coração que desde a eternidade bate com amor sincero por nós. Assim, entender a Deus da maneira certa, como o espelho revela, significa não entendê-lo em seu poder e majestade, que podem ser aterrorizantes, mas do modo inverso, isto é, em sua fraqueza e humildade. O modo de Deus ser “o máximo de si mesmo” ocorre quando ele está a nosso favor (*pro nobis*), carregando e sofrendo o juízo do pecado e finalmente morrendo na cruz.<sup>19</sup> Assim, nossa fé e salvação permanecem inquestionáveis e certas.

O capítulo 2 enfoca o *Sermon on preparing to die* [Sermão sobre a preparação para a morte] (1519), tratado no qual Lutero aconselhou quem se preparava para morrer a ponderar sobre as três “imagens resplandecentes” de Cristo — “vida, graça e céu” — e o sinal eficaz do sacramento para expulsar as três imagens opostas do Diabo — “morte, pecado e inferno”. O tempo certo para contemplar a morte e a perspectiva correta de se apegar a Cristo e a seus atos misericordiosos na cruz capacitam o sofredor a enfrentar a morte com confiança e esperança. A trilogia do mal se desvanece sem nenhuma batalha diante da imagem da salvação de Cristo, que, em consequência disso, incita à fé e ao louvor a Deus na

<sup>18</sup>LW42, p. 9.

<sup>19</sup>LW21, p. 331; WA7, p. 577; 26 (The Magnificat, 1521).

última hora. O conhecimento aniquilador das imagens negativas pode ser útil, ainda que de modo causal, se nos levar para os braços de Cristo. Isso está intrinsecamente atrelado à distinção que Lutero faz entre a lei e o evangelho: Deus realiza uma obra alheia na lei da condenação, por meio das imagens terríveis do Diabo, das quais devemos fugir e abrir caminho até sua verdadeira obra no evangelho da redenção, por meio dos retratos vitoriosos de Cristo.

O capítulo 3 trata de *Fourteen consolations* [Catorze consolos] (1520). Nesse texto, Lutero ensinou aos doentes (especialmente Frederico, o Sábio) como obter consolação no ato de contemplar de forma correta sete imagens de males e sete imagens de bênçãos. Em todos esses consolos, a imagem de Cristo se eleva, diante da qual a importância de todas as coisas terrenas — prazer ou dor — empalidece. Por meio dos olhos da fé, vemos com que avidez Cristo estava disposto a morrer para poder conquistar a morte e torná-la impotente para nós. A contemplação dessas imagens da forma correta fortalecerá o coração piedoso. O tratado todo volta-se para a renovação da nossa certeza de que, em Cristo, somos em verdade seus amados, a despeito do estado de nossa vida. Como teólogo da cruz, Lutero arrancou as máscaras de todos os males e os expôs como verdadeiramente são, ao mesmo tempo nomeando os remédios correspondentes a cada mal. Por pura graça, os males podem ser transformados em bênçãos, se tão somente crermos nisso.

O capítulo 4 trata do *Sermon on a worthy reception of the sacrament* [Sermão sobre a digna recepção do sacramento] (1521). Nele, Lutero ensinou sobre como receber a ceia do Senhor com proveito. O sermão não contém polêmicas nem metafísica aristotélica, mas os maiores componentes da teologia dos sacramentos de Lutero são encontrados ali. A causalidade sacramental não jaz em nossa dignidade ou indignidade, apenas na majestade da Palavra de Deus. O conceito luterano da palavra justificadora como ato de Deus satura seu pensamento. Ele concebia a missa segundo o conceito de um “testamento”, do qual Cristo é o próprio conteúdo. O ponto central do conceito é que Cristo, movido por amor, escreve nossos nomes em seu testamento para que, ao morrer, toda a sua herança nos seja outorgada, como seus herdeiros, cumprindo assim sua promessa. As promessas divinas são eficientes, pois emanam de Deus e apontam para ele, e, nesse sentido, devem ser entendidas apenas por um ato de fé pessoal, sem nenhum acréscimo humano. Em lugar da posição que considerava o sacramento uma obra a ser realizada a fim de alcançar nossa posição correta diante de Deus, o reformador considerava-o apenas obra divina e, portanto, dádiva divina. A fé se apropria da ação de Deus realizada por nós, de acordo com as palavras eficazes da instituição, para que suas expressões divinas — justiça, vida e salvação — sejam

comunicadas aos crentes em troca das expressões humanas — pecaminosidade, morte e condenação. O sermão ilustra como a teologia sacramental de Lutero rege a vida religiosa e a forma da congregação.

O capítulo 5 procura articular de modo sistemático a teologia e a prática da oração segundo Lutero, com base em *An exposition of the Lord's Prayer for simple laymen* [Exposição da Oração do Senhor para os leigos] (1519), no *Personal prayer book* [Livro de oração pessoal] (1522), no *Small catechism* [Catecismo menor] e no *Larger catechism* [Catecismo maior] (1528-1529) e no tratado *A simple way to pray* [Uma forma simples de orar] (1535). A estrutura e o conteúdo das orações correspondem à maneira como a própria revelação de Deus chega até nós, procedente do poder esmagador dos Dez Mandamentos (Lei), até seu cumprimento pela fé (o Evangelho), e terminando com a Oração do Senhor, a apropriação dos benefícios da fé pela oração. A oração autêntica baseia-se na força do mandamento divino, na promessa de Deus, nas palavras e na fé — tudo isso é dádiva divina. Essas quatro modalidades, que constituem o entendimento de Lutero a respeito da oração, têm o objetivo de nos aproximar de Deus para que busquemos apenas nele aquilo de que precisamos, e não em nós mesmos. Portanto, na oração, a verdadeira posição em que nos encontramos diante de Deus (*coram Deo*) é revelada: somos os destinatários do que ele concede de forma copiosa e generosa.

O capítulo 6 examina uma seleção dos escritos de consolação em que Lutero apresentou seis princípios básicos de consolo. Ao lidar com a tentação (*Anfechtung*), Lutero apega-se à Palavra eficaz de Deus e à comunhão dos santos, segue a obediência de Cristo em relação à vontade do Pai, recorre ao louvor a Deus como remédio, reconhece os benefícios da abscondida de Deus nesses ataques e apela à constância e à confiabilidade de Deus no cumprimento de suas promessas. Esses princípios estão entrelaçados de diversas formas nos conselhos apresentados por Lutero às pessoas atacadas pela tentação e pelo mal. Acima de tudo, predomina a majestade da Palavra de Deus. A sede insaciável da palavra divina é prova positiva da fé genuína, mas a perseguição resultante dela consiste na prova negativa da fé genuína. Contudo, a fé sabe que o Senhor vingará os fiéis e se apega à insuperável bondade de Deus, mesmo que as aparências sejam contrárias.

Esses fragmentos são exercícios concretos da teologia de Lutero sobre os sacramentos e a cruz. Sua capacidade de perceber as bênçãos divinas ocultas nas experiências com o sofrimento e de manter uma tensão paradoxal entre o consolo que a pessoa que está sendo tentada obtém da Palavra de Deus e o mistério angustiante da dor que desafia o escrutínio humano são o que o tornam digno

de ser considerado “um teólogo verdadeiro”.<sup>20</sup> A experiência da tentação é criação divina, sua obra alheia, como na lei, por meio da qual os crentes são levados a ensinar e praticar a doutrina pura — a justificação da fé. Como obra alheia, a tentação produz nos crentes o desespero da autojustificação; como obra própria, ela produz neles a fé na palavra de Deus e nas promessas do evangelho. A distinção entre o Deus abscondito e o Deus revelado corresponde à distinção entre sua obra alheia na lei e a obra própria no evangelho; a primeira conduz à última. Entretanto, as duas são funções de uma única e mesma Palavra na obtenção da justificação para nós.

<sup>20</sup>*LW* 31, p. 52-3; *WA* 1, p. 362, linhas 18-9.

*Lutero era um verdadeiro teólogo, um teólogo da cruz atuante no contexto pastoral.*

Como conselheiro espiritual, Lutero ensinou, por meio de seus escritos, a meditar corretamente sobre a Paixão de Cristo, a preparar-se para enfrentar o horror da morte, a aconselhar os enfermos, a tratar corretamente do sacramento do altar, a orar da forma correta, a extrair benefícios da Oração do Senhor e a viver uma vida de discipulado sob a cruz.

Seus escritos têm formato e propósito devocional e catequético, mas estão repletos de substância teológica, fruto de rigorosas reflexões. Refletem a vocação fundamental de Lutero como pastor-teólogo e são exemplos concretos da interface entre teologia e piedade, sendo aquela o pressuposto fundamental desta. Por meio desses escritos, o leitor não só entra em contato com a teologia da justificação como formulada na Reforma, mas também descobre uma expressão distinta da fé cristã em que Cristo e sua cruz ocupam o palco central. Digno de nota é o tema que perpassa todos esses escritos — *o modo de Deus lidar com seu povo* —, o qual o reformador, sendo ele um conselheiro espiritual, buscava relacionar aos acontecimentos de seu tempo.

A maioria dos estudiosos de Lutero se concentra muito no lado polêmico do reformador, apenas com alusões esporádicas a seus escritos devocionais. O objetivo de *Lutero como conselheiro espiritual* é revelar o lado pastoral do reformador, não o polêmico, com base na orientação espiritual fornecida em seus escritos a pessoas de todas as classes sociais.



  
VIDA NOVA

 [vidanova.com.br](http://vidanova.com.br)

 [/vidanovaedicoes](https://www.facebook.com/vidanovaedicoes)

 [@edicoesvidanova](https://twitter.com/edicoesvidanova)

ISBN 978-85-275-0690-8



9 788527 506908